

# MODELO PARAPERCEPCIOLÓGICO LABORATORIAL

Guilherme Kunz

**RESUMO.** Este artigo tem o objetivo de debater a interferência paradigmática na observação e análise de fenômenos extrassensoriais em experimentos laboratoriais, com utilização de modelagem cibernética. Propõe ser a dualidade do Cosmos fundamentada no princípio da maximização da entropia da energia e na minimização da entropia informacional da consciência, justificando a autoexperimentação parapsíquica laboratorial e evitando distorções perceptivas quanto aos fenômenos extrafísicos.

**Palavras-chave:** parafenômenos; pesquisa laboratorial; modelo; entropia.

## INTRODUÇÃO

Relatos de sensações além dos 5 sentidos físicos (extrassensoriais) foram registrados no decorrer da história da humanidade, em diferentes civilizações, e interpretados sob influência de múltiplas culturas e contextos no universo do “senso comum”. Mais recentemente uma abordagem qualitativa foi desenvolvida no Século XIX pela Metapsíquica e, no Século XX, a Parapsicologia procurou tratar o conhecimento extrassensorial quantitativamente, embasada na estatística, a exemplo do trabalho de Joseph Rhine (1895–1980) na *Duke University* (USA). Dentre os fenômenos investigados pela Parapsicologia destacam-se:

1. **Clarividência:** obtenção de informações visuais de eventos remotos através de meios ainda desconhecidos pela ciência moderna.
2. **Telecinesia:** influência sobre a matéria exclusivamente através da força de vontade.
3. **Telepatia:** transferência de informações, emoções e pensamentos entre indivíduos.

A crítica principal ao estudo de tais habilidades está na incapacidade de demonstração de evidências conclusivas (repetibilidade e reprodutibilidade) sobre os fenômenos extrassensoriais. Segundo a Parapsicologia, estas habilidades “paranormais” poderiam ser “cientificamente” comprovadas pela prova estatística, excluindo, assim o fator “acaso”. Mas Andrade (1967) considera ser complexa a verificação de fenômenos extrassensoriais devido a 5 fatores:

1. Caráter inesperado e imprevisível.
2. Dificuldade de repetição.
3. Ignorância quanto ao mecanismo de funcionamento dos fenômenos.

4. Insegurança e imprecisão do testemunho.
5. Raridade e fugacidade da ocorrência observável.

Este artigo objetiva debater as variáveis intervenientes na pesquisa dos fenômenos extrassensoriais, avaliar as possíveis fontes de erro na realização de pesquisas laboratoriais sobre a Parapercepciolgia (estudo dos fenômenos extrassensoriais) e propor uma abordagem onde há diminuição dos ruídos.

Não há intenção de convencer, mas de debater sobre as diferentes abordagens aos estudos da Parapercepciolgia, e por tratar-se de tema ainda pouco debatido, visa auxiliar as pesquisas sobre os fenômenos extrassensoriais. Durante a leitura desse artigo é importante que o leitor permaneça atento a dois princípios:

1. **Princípio da Descrença:** “*Não acredite em nada. Nem mesmo no que lhe informarem aqui, neste artigo. Experimente. Tenha as suas experiências pessoais*”.
2. **Princípio da Racionalidade:** “*Contra fatos, não há argumentos*”.

## 1. EXPLICAÇÃO CIENTÍFICA

A explicação científica difere da “sensata” por eliminar o nexos acidental das relações causais dos acontecimentos. Para excluir as explicações “acidentais”, clarear a relação entre causa e efeito e controlar as variáveis ambientais, a Parapsicologia analisa os dados experimentais através do método estatístico, compreendendo o pesquisador enquanto observador não interveniente no fenômeno observado.

Segundo Kuhn (2007), a restrição metodológica, instrumental, selecionada para “provar a verdade” sobre o fenômeno observado está embasada no *paradigma pessoal* do pesquisador, pois a tendência humana é procurar encaixar o universo dentro de padrões restritos do paradigma pessoal, ao familiar ou conhecido:

(...) a gama de resultados esperados (e portanto assimiláveis) é sempre pequena se comparada às alternativas que a imaginação pode conceber. Em geral, o projeto cujo resultado não coincide com essa margem estreita de alternativas é considerado apenas uma pesquisa fracassada, fracasso que não se reflete sobre a natureza, mas sobre o cientista. (KUHN, 2007, p. 57)

O paradigma do pesquisador influencia na interpretação do fenômeno observado, a exemplo da situação explicitada por Rapoport (1998):

Qualquer um de nós não acreditaria em seus próprios sentidos se, ao somar uma coluna de números, encontrasse totais diferentes somando de cima para baixo e de baixo para cima. Não importa o número de vezes em que víssemos tal coisa acontecer, não acreditaríamos no resultado. A soma tem que ser a mesma, quer soma para cima ou para baixo. As leis da aritmética o exigem, e a prova dos sentidos é inteiramente irrelevante neste caso. (RAPOPORT, 1998, p.13)

Nesse caso, provar é irrelevante se contradisser a verdade estabelecida filosoficamente. Sendo a Ciência feita por seres humanos, ela não é neutra e tampouco imparcial. Devemos levar em consideração a tendência humana de ignorar os fatos contrários às opiniões previamente estabelecidas ou a maior probabilidade de rejeição de argumentos *insólitos*. Mesmo laboratorialmente é inviável conhecer todas as variáveis intervenientes no experimento tendo em vista serem fenômenos filtrados ou interpretados pela percepção humana. Andrade (1967) comenta o impacto que pode causar no pesquisador a constatação de fenômenos paranormais ou extrassensoriais:

Há graves implicações com determinadas crenças filosóficas ou sistemas predominantes. Por estas razões as reações normalmente são prontas e até agressivas, parecendo muitas delas de origem inconsciente, assumindo formas estranhas de defesa que bem dariam uma excelente matéria para uma pesquisa do comportamento psicológico de certos cientistas. (ANDRADE, 1967, p. 41)

Andrade (1967) reforça que a reação desproporcional de *certos cientistas* não visa a defesa da verdade, mas a “manutenção de determinados sistemas e princípios consagrados e tidos como definitivos”.

A história da Ciência está repleta de demonstrações de intolerância e conservantismo em relação a quem está à frente do seu tempo, conforme disse Roberto Landell de Moura (1861–1928) “*bem sei que, em coisas de ciência, o que avança em relação à época, não deve esperar justiça dos contemporâneos*” (ALMEIDA, 2006, p. 5).

Se a prova pode ser considerada irrelevante *haveria metodologia adequada para compreender os fenômenos parapsíquicos?*

## 2. METODOLOGIA

Existem diferentes métodos desenvolvidos pela Ciência para provar ou refutar hipóteses, visto que a aplicação do método experimental é inviável em determinadas áreas científicas, a exemplo da Astronomia. A experimentação controlada, quando possível de ser aplicada, passa a ser considerada um refinamento da pesquisa. Sendo assim seria necessária metodologia e instrumentação originais para estudar os fenômenos parapsíquicos.

Segundo Vieira (1999, p. 945), para estudar a saída lúcida da consciência além dos limites do corpo físico, tema central da Ciência Projeciologia, “há de se desenvolver a metodologia de pesquisa adequada e não cair no erro trivial de crer que todo o âmbito da realidade possa ser estudado com a metodologia própria de algumas das Ciências Naturais”.

Para compreender os fenômenos extrafísicos, a Conscienciologia, Ciência que estuda a Consciência, propôs ser o próprio pesquisador instrumento e objeto de pesquisa, isto é, o pesquisador tem em si os recursos e instrumental necessários para refutar ou reforçar as hipóteses através da autoexperimentação.

De acordo com o paradigma consciencial, a consciência, também chamada de ego, alma, espírito, essência, eu, individualidade, pessoa, *self*, ser, sujeito, dentre outros termos, é dissociada da matéria, ou seja, existe além do corpo físico. A energia refere-se, de modo simples, ao que não é consciência.

Dentre as instituições que desenvolvem pesquisas laboratoriais com enfoque conscienciológico, está a *Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasma e Paracirurgia* (ECTOLAB, 2013), a exemplo de recente trabalho correlacionando eletroencefalografia e as bioenergias (PINHEIRO, 2013).

Com o intuito de otimizar as experiências para observação de fenômenos extrafísicos, diversas instituições dispõem de locais otimizados (laboratórios sem equipamentos) para autoexperimentação tais como o *Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia* (IIPC, 2013), o *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC, 2013) e a *Associação Internacional para Evolução da Consciência* (ARACÊ, 2013).

Na condição de “cobaia de si mesmo” o pesquisador, para reduzir as variáveis intervenientes no experimento, pode minimizar os “ruídos” provenientes do ambiente na evitação de distorções perceptivas, através da experimentação laboratorial para controlar as variáveis e estabelecer de modo claro relação entre causa e efeito. *A definição das variáveis a serem controladas ao se tratar de fenômenos extrassensoriais é resultado da modelagem do experimento.*

Quando o indivíduo está ciente da condição pessoal, com certo grau de autoconhecimento e compreendendo seus mecanismos de funcionamento, leva consigo o próprio experimento, de modo a permitir a análise com máxima acuidade dos fatos e das ocorrências diárias.

### 3. MODELAGEM

Segundo Bennaton (1985), um modelo funciona enquanto mapa, reproduzindo determinados comportamentos da realidade até que se torne obsoleto:

Frente a um fenômeno desconhecido, o pesquisador estabelece com ele uma forma preliminar de ligação. É a fase das observações e das primeiras conjecturas. Diante do emaranhado de informações recolhidas deve identificar as que são relevantes para depois ordená-las. Deste estágio, resulta quase sempre a confecção de um modelo que passa a receber do pesquisador a mesma atenção antes apenas reservada ao sistema original. A partir daí, a investigação do fenômeno torna-se, no mínimo, mais confortável. (BENNATON, 1985, p. 27)

Modelos não representam a realidade em sua totalidade, apenas determinados comportamentos do processo de interesse. Segundo Kuhn (2007), embora exista um universo de possibilidades de modelos que a imaginação possa criar, o paradigma pessoal do pesquisador restringe os possíveis resultados.

### 3.1 Cibernética

A Cibernética é a tentativa de compreender a comunicação e o controle de máquinas, seres vivos e grupos sociais através de analogias. Consideremos esta abordagem enquanto exercício de criação do modelo que favorece o processo heurístico, abordando o problema-alvo da Parapsicologia e analisando diferentes tipos de instrumentos para pesquisa dos fenômenos extrassensoriais.

Podemos compreender seu comportamento de duas formas: de *dentro para fora* considerando o sistema um somatório de pequenas partes e assim compreender o todo e, de *fora para dentro* analisando o sistema ao modo de uma composição única. Este último é o viés da Cibernética.

É possível compreender o *modus operandi* de um sistema desconhecido (*caixa preta*), verificando as saídas (ou o que retorna) de acordo com entradas conhecidas (alimentação). Analogamente, as entradas são as sensações ou os 5 sentidos físicos e, as saídas, são as percepções ou a interpretação dos sentidos.

Ao definirmos um sistema, delimitamos sua abrangência, seu contorno. No caso de uma análise unicamente física de um sistema, basta observar as entradas e saídas de *energia e matéria* do mesmo. No caso da análise consciencial, o observador necessita acompanhar o processo também extrassensorialmente, fazendo parte do fenômeno observado de modo que o observador atue ao modo de sensor para identificação das entradas e saídas.

A participação no experimento implica no fenômeno de retroação. Um exemplo dessa influência está na tendência do sensor entrar em equilíbrio com o mensurando. Tomemos a situação da utilização de termômetro para medir a temperatura de um recipiente: se o termômetro estava com uma temperatura menor do que a do recipiente o resultado da medição será a temperatura inicial do recipiente reduzida do calor absorvido pelo termômetro.

### 3.2 Experimento Laboratorial

Observa-se que, pela complexidade do sistema, a modelagem auxilia apenas na *compreensão* do que acontece e não na previsão, pois os acontecimentos são únicos. Poderia o leitor questionar: *qual o objetivo de compreender se não posso prever? De que outra forma saberíamos que compreendemos?*

Neste caso, o objetivo é tornar o fenômeno compreensível, seja na autoexperimentação ou na heteroexperimentação. A modelagem torna o sistema palatável e permite observá-lo detalhadamente, ampliando a visão de conjunto quanto a determinado fenômeno. *Em consequência da evolução do modelo, evoluem igualmente as ferramentas para compreendê-lo.*

O modelo simplificado da Figura 1 estabelece as percepções como resultantes da relação entre as sensações e as experiências da consciência.  $\Delta S$  indica

a variação da entropia, sendo  $\Delta S_{\text{Universo}}$  sempre aumentando e  $\Delta S_{\text{Conscienical}}$  sempre complexificando, diminuindo (ver seção 3.3).

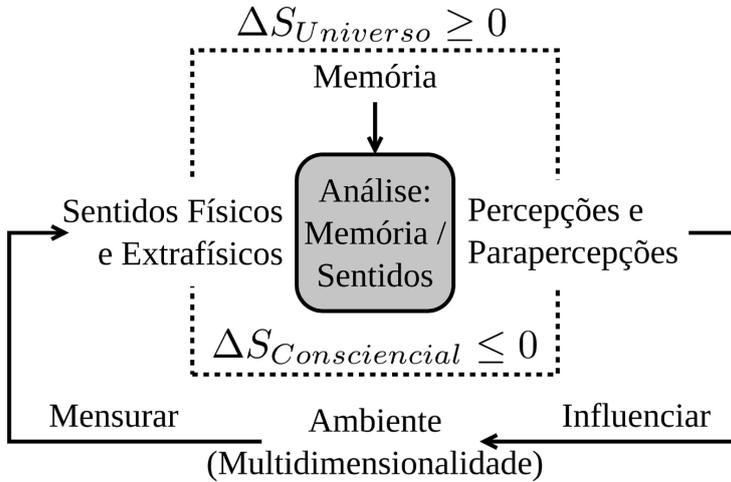


Figura 1: Modelo do experimento laboratorial

Para compreender esse modelo é importante dissociar a ontologia, em parte percebida pelos sentidos físicos ou extrafísicos, do que percebemos ou conhecemos do mundo (a epistemologia). As sensações dos sentidos físicos são adquiridas em conjunto com os sentidos extrassensoriais. A percepção (sinal de saída) ou a compreensão e interpretação são resultados de ambas as categorias dos sentidos.

Desse modo, quanto maior a separação destas origens sensitivas, mais clara a compreensão do que está percebendo pela extrassensorialidade. O laboratório ideal pode ser caracterizado pela ausência dos sentidos físicos, permanecendo o foco de atenção no processo extrafísico. O uso de meios “artificiais” (a exemplo da química) para atingir a ausência dos sentidos físicos pode distorcer a parapercepção do experimentador. A técnica indicada para a dessensibilização das sensações somáticas é a *Imobilidade Física Vígil* (VIEIRA, 1997, p. 122) e a *Projeção Lúcida* (VIEIRA, 1999).

Ruídos perceptivos e paraperceptivos são somados aos ruídos de compreensão e comunicação, havendo perda de informação. A percepção distorcida (resultado do subsistema pessoal/mecanismo de construção do pensamento), de acordo com o princípio da retroação, influencia o ambiente.

A Conscienciologia aborda o fenômeno de retroação através da Pensenologia, especialidade definida pelo estudo dos pensamentos, sentimentos e energias como elementos indissociáveis, designados pelo acrônimo *pensene*. *Todo o pensamento ou sentimento da consciência é emitido para o meio e às consciências através das bioenergias.*

Todas as consciências trocam pensenes ininterruptamente, compartilhando pensamentos, sentimentos e energias.

Na presente proposta, o fenômeno parapsíquico testado laboratorialmente será abordado de acordo com o paradigma consciencial de modo que consideraremos no universo em observação apenas duas realidades: consciência e energia, sendo a consciência produto distinto da energia ou matéria.

### 3.3 Entropia

O grau de organização ou desorganização de determinado sistema está associado à entropia do mesmo. Em resumo, para haver trabalho, deve haver movimento e este ocorre quando há desequilíbrio (ex.: troca de calor entre um objeto quente e outro frio; queda de água de um local alto para outro mais baixo). Quanto mais desequilibrado, desigual, diferente, diverso, díspar ou organizado é o sistema, menor será sua entropia. Quanto mais simples, uniforme ou similar é o sistema, mais ele perde a capacidade de produzir trabalho. Segundo Walker (1996, p.253), “a energia do universo permanece constante; a entropia do universo sempre aumenta. A energia obedece à lei da conservação; a entropia não.”

A *Segunda Lei da Termodinâmica* afirma que a quantidade de trabalho útil que você pode obter a partir da energia do universo está constantemente diminuindo. A qualidade da energia é diretamente relacionada à habilidade de realizar trabalho. A “morte térmica” seria a condição onde não há mais diferença de potencial. Sendo assim, não haveria capacidade para realizar trabalho.

Voltando à Cibernética, sistemas muito organizados, complexos, com entropia interna baixa, são mais estáveis e robustos (pouca influência do exterior) incorporando facilmente as informações recebidas e produzindo resultados inesperados. Por outro lado, sistemas simples e com alta entropia tendem a desorganizar-se e são mais previsíveis (BENNATON, 1985).

O conceito de informação está fortemente atrelado à noção de probabilidade: quanto mais provável uma mensagem, menor a informação que ela carrega. “O trivial é pouco informativo” (BENNATON, 1985, p. 32-33). O mais complexo carrega mais informação, sendo menos provável prever suas ações. Por exemplo, é mais fácil prever o que falará uma criança que aprendeu a primeira palavra do que uma pessoa sábia, experiente.

A capacidade do ser humano compartilhar ideias ou paradigmas mais avançados depende da capacidade comunicativa e domínio léxico. Isto possibilita agregar pessoas que compartilhem conceitos mais complexos, permitindo descrição do universo material e consciencial com maior fidedignidade. *A teoria-líder de uma ciência é o elemento de liga da grupalidade consciencial.*

O aspecto evolutivo das inter-relações é descrito pelo físico-químico Prigogine (2000, p. 70):

(...) Se tomarmos como objeto de comparação a sociedade humana e confrontarmos a sociedade da era neolítica com a atual, não é tanto o fato de homens tomados individualmente sejam mais diferentes,

mais ou menos inteligentes: são antes as relações entre os indivíduos que sofreram uma mudança radical. Sem dúvida, também a nossa sociedade envelhece, mas mais rapidamente que a sociedade neolítica, porque os meios de comunicação se ampliaram e, portanto, a dinâmica das correlações sociais sofreu enorme aceleração.

Os meios de comunicação estão diretamente ligados à evolução das inter-relações por proporcionarem a facilidade de inter-relacionar-se. *A Natureza tende a aumentar a entropia enquanto as inter-relações humanas tendem a diminuí-la.*

Na Figura 2, o cone representa o aumento da complexidade do sistema consciência/memória e a tendência à simplificação do sistema energia/matéria. O diâmetro do cone representa, proporcionalmente a informação presente.

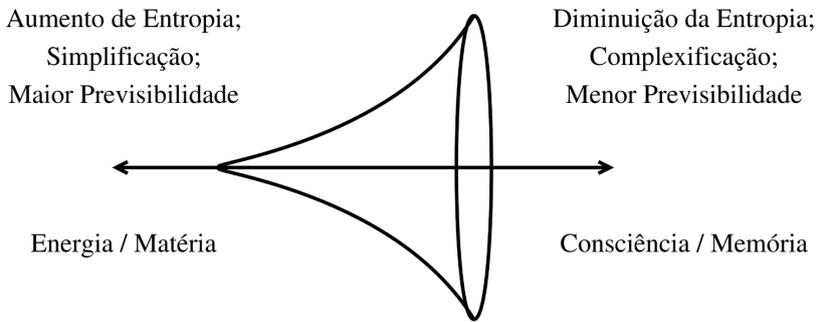


Figura 2: Modelo fluxo do Cosmos

Deste modo, a consciência é capaz de diminuir, por meio de força externa, temporariamente, a entropia da matéria (que tende à diminuição da informação) e permanentemente a entropia da própria memória.

Quanto maior o grau de informação menor a probabilidade de previsão, ou seja, aumentam as possíveis correlações pela complexidade do sistema. Desse modo, o aumento da complexidade e a diminuição da entropia tendem a criar sistemas mais estáveis.

Como consequência deste modelo, eis listados abaixo 6 axiomas em ordem lógica:

1. Quanto menos *entrópico*, menos *determinista*.
2. Quanto menos *determinista*, maior *complexidade*.
3. Quanto maior *complexidade*, menor tendência à *desorganização*.
4. Quanto menos *desorganizado*, menor *previsibilidade*.
5. Quanto menor a *previsibilidade*, maior o acesso a *novas verdades relativas de ponta*.
6. Quanto maior o acesso a *novas verdades relativas de ponta*, menor a *entropia do sistema*.

Sendo assim, a termodinâmica e a teoria da informação parecem ser incompatíveis pelo viés da entropia. Porém, o que é sugerido neste artigo é que isto ocorre por se tratar de elementos de *natureza diferenciada*. *A termodinâmica está para a matéria/energia assim como a teoria da informação está para a consciência/memória*.

Pode-se dizer que não há registro na memória de uma sequência de eventos se não houver o aumento de entropia no sistema. A diminuição da entropia da consciência/memória é dependente do aumento da entropia do sistema matéria/energia. A vida no planeta acelera o uso da energia de boa qualidade resultando em uma aceleração do aumento da entropia. *Seria o propósito da vida a aceleração do uso da energia? Consumir mais e acelerar o aumento da entropia?* Porém, observa-se que esta relação não é proporcional; o aumento da entropia da matéria não é igualitário à diminuição da entropia da consciência.

Vejamos um exemplo: uma pessoa no estado de coma pode ter a percepção de que passou-se uma fração de segundo quando, na realidade, passaram-se horas. Similarmente, a pessoa vivenciando uma *Experiência de Quase Morte* (EQM) pode ter uma visão panorâmica da sua vida em uma fração de segundo de modo que *a diminuição da entropia consciencial não é proporcional ao aumento da entropia energética*.

Imaginemos um experimento fictício: uma pessoa sem corpo físico (apenas um ponto de referência) em uma dimensão sem referência espacial ou mesmo sensações tais como batimento cardíaco, sons, variação de temperatura, cheiros, respiração e visão. A noção de tempo seria fundamentada unicamente na sequência de seus pensamentos. Poderíamos considerar esta condição como *a melhor eficiência de diminuição de entropia consciencial em função do aumento da entropia energética*.

Simplificar o processo consciencial no vetor de entropia é um reducionismo que visa abordar apenas uma faceta que pode ser relacionada com a matéria.

### 3.4 Paradigma

A entropia paradigmática está relacionada à capacidade de compreender fenômenos complexos e inter-relacionar variáveis diversas.

Paradigmas menos entrópicos permitem maior grau de organização e, por sua vez, a análise de quantidades maiores de variáveis diferentes e inter-relacionadas. Paradigmas mais entrópicos, simplificam a realidade, a exemplo da abordagem materialista ignorando a pensividade e restringindo a compreensão do fenômeno.

A amplitude de abordagem do paradigma necessita, compulsoriamente, igual capacidade de transmissão informacional, ou seja, domínio léxico, vocabulário próprio, permitindo a exatidão e precisão de conceitos. A evolução cons-

ciencial está associada ao compartilhamento de paradigma mais abrangente e complexo.

O paradigma eletrónico tem foco na matéria e acaba por excluir a parte do universo que não se encaixa neste padrão. É mais entrópico e simples, pois exclui a consciência pela falta da capacidade de compreendê-la. Podemos tomar por exemplo a imagem que a Física Clássica dava do Universo, um lugar sem espaço para a consciência. “O universo nela aparecia como um enorme autômato, sujeito a leis determinísticas e reversíveis, nas quais era difícil reconhecer o que para nós caracteriza o pensamento” (PRIGOGINE, 2000, p. 82).

Pelo paradigma consciencial, considera-se a memória uma capacidade infindável e permanente pois não está associada ao elemento matéria e sim ao elemento consciência apresentando características distintas de modo que a entropia consciencial sempre diminui e a entropia do Universo energético sempre aumenta, como visto na Figura 1.

Quanto mais original, inédita ou esclarecedora a informação, menor a sua entropia. Quanto mais organizado e menos entrópico o paradigma pessoal, maior será a liberdade do pesquisador explorar o Universo.

## CONCLUSÕES

Foram apresentadas as principais restrições da verificação de fenômenos paranormais e na sequência foi sugerido que o pesquisador faça parte do equacionamento do fenômeno parapsíquico.

Dentre as principais dificuldades relativas às pesquisas destacam-se:

1. **Flexibilidade.** A falta de flexibilidade pesquística evidenciada na aplicação de instrumentos incompatíveis à natureza do fenômeno extrassensorial.
2. **Fuga.** A manutenção do mundo exclusivamente material como objeto de pesquisa, podendo evidenciar fuga da autocientificidade, associada à postura de superioridade na dissociação pesquisador-pesquisado, ignorando a interação pensênica (pensamento+sentimento+energia).

Foi proposto um modelo de experimentação laboratorial levando em consideração variáveis tais como: os sentidos físicos e extrafísicos, a memória, as percepções e parapercepções, a influência do pesquisador no ambiente e suas consequências. O modelo proposto abordou os sentidos divergentes da variável entropia nos binômios *consciência/memória* e *energia/matéria*.

Conclui-se que a consciência vivencia um processo irreversível de aumento de complexidade, onde a entropia somente diminui ou permanece constante, e que a relação do aumento da entropia da energia/matéria não é proporcional à diminuição da entropia consciência/memória.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. Hamilton; *Padre Landell de Moura: um herói sem glória*; Record; Rio de Janeiro, RJ; 2006.

ANDRADE, Hernani Guimarães; *Parapsicologia Experimental*; Pensamento; São Paulo, SP; 1967.

*Associação Internacional para Evolução da Consciência - ARACÊ*; www.arace.org; último acesso em em 26 de setembro de 2014.

BENNATON, Jocelyn; *O que é Cibernética*, Brasiliense, São Paulo, SP; Brasil, 1985.

BUNONATO, Flávio; *Anuário da Conscienciologia: 2012*, Editares, Foz do Iguaçu, PR; Brasil, 2013.

*Campus Centro de Altos Estudos da Conscienciologia - CEAEC*; www.ceaec.org; último acesso em 26 de setembro de 2014.

*Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasmia e Paracirurgia - ECTOLAB*; www.ectolab.org.br; último acesso em em 26 de setembro de 2014.

*Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia - IIPC*; www.iipc.org; último acesso em de setembro de 2014.

KUHN, Thomas S.; *A estrutura das revoluções científicas*; Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira; Perspectiva; São Paulo, SP; Brasil; 2007.

PINHEIRO, Rute; *Correlatos Eletroencefalográficos do Estado Vibracional*; Dissertação; orientador: Prof. Dr. Sidarta Ribeiro; coorientadora: Dra. Kátia Andrade; UFRGN; Natal, Julho de 2013.

PRIGOGINE, Ilya; *As Leis do Caos (Le Leggi del Caos)*; UNESP; São Paulo, SP; Brasil; 2000.

RAPOPORT, Anatol; *Lutas, jogos e debates*; trad. Sérgio Duarte; Editora Universidade de Brasília; 2ª Ed.; Brasília, DF. 1998.

WALKER, Halliday Resnick; *Fundamentos de Física: Gravitação, Ondas e Termodinâmica*, LTC; Rio de Janeiro, RJ; 1996.

VIEIRA, Waldo. *200 Teáticas da Conscienciologia*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1997.

VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; 4ª Ed.; Rio de Janeiro, RJ; 1999.

WHITE, Michael; *Rivalidades Produtivas: Disputas e Brigas que impulsionaram a Ciência e a Tecnologia (Acid Tongues and Tranquil Dreamers)*; 2ª Ed.; Record; Rio de Janeiro, RJ; 2003.

**Guilherme Kunz** é professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Foz do Iguaçu/PR. Doutor em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pela Universidade do Minho (UMINHO) em Portugal. Organizador do livro *Acomplamentarium: Primeira Década* (2013) e coordenador geral do curso de Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 2 (ECP2) do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia – IIPC. E-mail: gulhermekunz@gmail.com

